

## **A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA AIDS/HIV COMO DISPOSITIVO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA POPULAÇÃO LGBTI+ E A PERPETUAÇÃO DO ESTIGMA NA CONTEMPORANEIDADE**

Wesley Cristian Ferreira, Universidade Estadual de Maringá  
Éder Rodrigo Gimenes, Universidade Estadual de Maringá  
Beatriz Elena Barud Silva, Universidade Estadual de Maringá

### **Introdução**

A epidemia de HIV/AIDS nas décadas de 1980 e 1990 ultrapassou o campo biomédico e passou a ser atravessada por discursos morais, religiosos e midiáticos que associaram a infecção à população LGBTI+. Nesse processo, conforme Daniel e Parker (1989), consolidou-se uma “terceira epidemia”, marcada pelo medo, pelo preconceito e pela produção social do estigma.

A série *Máscaras de Oxigênio Não Cairão Automaticamente* (HBO Max) retoma esse contexto ao representar a experiência da epidemia no Brasil dos anos 1980. Mais do que reconstruir um período histórico, a produção opera como narrativa cultural sobre memória, exclusão e resistência, permitindo analisar como a AIDS/HIV foi socialmente significada em meio a relações desiguais de poder.

O conceito de necropolítica, formulado por Achille Mbembe, contribui para compreender essa gestão desigual da vida e da morte, na medida em que evidencia como a omissão estatal e a precariedade do acesso ao cuidado atingem de forma mais intensa grupos historicamente vulnerabilizados. Segundo Trevisan (2018), a marginalização da homossexualidade no Brasil favoreceu a leitura da AIDS como “punição moral”, ampliando práticas discriminatórias em instituições de saúde, na mídia e no espaço familiar.

Em contraposição ao pânico moral instalado, a comunidade LGBTI+ construiu redes de solidariedade, cuidado e mobilização política (Quinalha, 2022). Estes vínculos comunitários foram fundamentais para enfrentar o abandono institucional e pressionar o poder público por respostas mais efetivas, entre elas a consolidação da distribuição gratuita de medicamentos pelo Sistema Único de Saúde, formalizada pela Lei nº 9.313/1996.

O presente trabalho tem como objetivo analisar como a AIDS/HIV foi socialmente construída, no Brasil, como dispositivo de estigmatização da

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

população LGBTI+, tomando como referência a série “Máscaras de Oxigênio Não Cairão Automaticamente” e autores que discutem sexualidade, estigma, necropolítica, memória e resistência social.

### **Materiais e métodos**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e interpretativa, fundamentada em análise bibliográfica e audiovisual, adequada ao exame de fenômenos sociais complexos mediados por relações simbólicas (Minayo, 2001). O corpus empírico é constituído pela série *Máscaras de Oxigênio Não Cairão Automaticamente* (HBO Max, 2025), composta por cinco episódios ambientados no Brasil dos anos 1980. A análise da produção audiovisual foi orientada por eixos temáticos previamente definidos: negligência estatal, estigma, moralização da doença, preconceito institucional e redes de solidariedade construídas pela população LGBTI+.

O referencial teórico articula o conceito de necropolítica com as contribuições de Daniel e Parker (1989), sobre a dimensão social da AIDS; Trevisan (2018), acerca da marginalização histórica da homossexualidade; e Caio Fernando Abreu (2006), no que se refere às experiências subjetivas e às formas de resistência. A interpretação crítica buscou relacionar a representação audiovisual da epidemia à literatura especializada, compreendendo a série não como reprodução imediata da realidade histórica, mas como narrativa cultural capaz de elaborar memórias, denunciar violências e iluminar permanências do estigma na contemporaneidade.

### **Resultados e Discussão**

A análise da série “Máscaras de Oxigênio Não Cairão Automaticamente” evidencia que a epidemia de HIV/AIDS foi narrada, no Brasil, por meio de enquadramentos morais que associavam a doença a sexualidades dissidentes. Nesse sentido, a produção permite observar que o estigma não surgiu como efeito secundário da crise sanitária, mas como parte constitutiva da forma pela qual determinados corpos passaram a ser lidos socialmente como perigosos, desviantes ou descartáveis.

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

A associação entre HIV/AIDS e promiscuidade fortaleceu discursos religiosos e moralizantes que interpretavam a doença como punição. Conforme Trevisan (2018), essa lógica reforçou a marginalização histórica das sexualidades não heteronormativas e produziu efeitos concretos sobre o acesso à informação, ao acolhimento e ao tratamento, uma vez que o julgamento moral frequentemente antecedia o reconhecimento da pessoa como sujeito de cuidado.

Estado brasileiro respondeu demorada e tardiamente nos primeiros anos da epidemia. A série enfatiza que, diante da escassez de políticas públicas efetivas e das dificuldades de acesso a medicamentos, muitas pessoas permaneceram submetidas à precariedade terapêutica e à intensificação da vulnerabilidade social, cenário que contribuiu para agravar os efeitos da crise entre grupos já historicamente marginalizados.

Observando a partir da perspectiva da necropolítica, nota-se que a gestão da morte não se realiza apenas por ações diretas, mas também pela distribuição desigual da proteção, do cuidado e das condições de sobrevivência. No contexto da epidemia, a omissão estatal incidiu com maior força sobre grupos já expostos à marginalização, como pessoas LGBTI+, trabalhadores do sexo e indivíduos pobres, revelando uma hierarquização social das vidas consideradas dignas de atenção.

As práticas discriminatórias também se manifestavam nas instituições de saúde, o que evidencia que o estigma extrapolava o plano das opiniões individuais e assumia dimensão institucional. Ao representar o isolamento de pacientes, o medo do contato e a precariedade do atendimento, a série mostra como espaços socialmente destinados à proteção da vida também reproduziam mecanismos de exclusão e desumanização.

Além das implicações biomédicas, pessoas vivendo com HIV/AIDS enfrentavam exclusão social, sofrimento psíquico e medo da rejeição familiar. Daniel e Parker (1989) argumentam que o preconceito produziu uma epidemia paralela de discriminação, indicando que os efeitos da crise não se restringiam à doença em si, mas alcançavam profundamente as formas de pertencimento, reconhecimento e sociabilidade.

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

Apesar desse contexto, a série também evidencia formas de resistência baseadas em solidariedade, cuidado mútuo e ação coletiva. A atuação do personagem Nando na organização da circulação de medicamentos explicita que, diante da insuficiência das respostas institucionais, as redes comunitárias assumiram papel central na preservação da vida, convertendo experiências de dor e abandono em mobilização política e ética do cuidado.

Em que pese os avanços biomédicos e legais no tocante ao tratamento do HIV/AIDS, eles não eliminaram e/ou mitigaram mecanismos sociais de estigmatização vinculados ao HIV/AIDS. A permanência de discursos moralizantes e de práticas discriminatórias na contemporaneidade demonstra que a memória da epidemia permanece politicamente relevante e em disputa, ora por setores conservadores com o objetivo de perpetuar violências e exclusões históricas, ora por parcela progressista objetivando fortalecer políticas públicas inclusivas e estratégias de promoção de direitos humanos.

### **Considerações finais**

A análise permitiu compreender que a epidemia de HIV/AIDS no Brasil constituiu-se como fenômeno social profundamente atravessado por negligência estatal, discursos moralizantes e práticas de exclusão que atingiram de modo particular a população LGBTI+, conforme representado na série *Máscaras de Oxigênio Não Cairão Automaticamente*. Mais do que uma crise sanitária, a AIDS/HIV foi também produzida socialmente como marcador de estigma, articulando sexualidade, desigualdade e precarização do cuidado. Nesse contexto, o conceito de necropolítica mostrou-se pertinente para interpretar como determinadas vidas foram expostas de forma mais intensa ao abandono e à vulnerabilidade.

Ao mesmo tempo, o trabalho evidenciou que a resistência coletiva e as redes de solidariedade foram fundamentais para enfrentar o abandono institucional e reivindicar políticas públicas mais amplas, entre elas a garantia da distribuição gratuita de medicamentos. Embora os avanços científicos e legais tenham alterado significativamente o cenário da epidemia, persistem, na contemporaneidade, discursos e práticas que associam o HIV/AIDS à culpa, ao

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

desvio e à dissidência sexual. Desse modo, preservar a memória histórica da epidemia, inclusive por meio de produções culturais, permanece essencial para denunciar violências, valorizar formas de resistência e fortalecer uma perspectiva de direitos humanos, dignidade e cidadania.

### **Referências**

ABREU, Caio Fernando. **Pequenas Epifanias**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **A Terceira Epidemia: O Exercício da Solidariedade**. Rio de Janeiro: ABIA, 1989.

**MÁSCARAS de Oxigênio Não Cairão Automaticamente**. Série de televisão. Criação: Patricia Corso e Leonardo Moreira. Direção: Marcelo Gomes e Carol Minêm. Brasil: HBO Max/Morena Filmes, 2025. 5 episódios.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.